**MÍDIA E PSICANÁLISE - UMA TENTATIVA DE COMPREENSÃO DOS EFEITOS
DA MÍDIA SENSACIONALISTA E DA MOTIVAÇÃO E SENTIDO DOS
ESPECTADORES**

Rafaela Zago De Mello
Salome de Moura Fereli
Samara Nunes França
Suzana Soares Lopes *
Tatiana Franco Andrade
Tatiana Virginia de Brito
Tatiana Kelli Rodrigues
Alejandra Astrid Leon Cedeno.

Introdução

O presente trabalho consiste num recorte de uma pesquisa realizada no ano de 2009 e 2010, na disciplina de Psicologia Social Prática, na Universidade Estadual de Londrina. A pesquisa em questão denominou-se “Por que as pessoas assistem à tragédia?” e tentou explorar e sintetizar as diferentes abordagens que tratam da temática – ou seja, qual o sentido e motivação das pessoas que assistem programas sensacionalistas e que buscam expectar fenômenos violentos e/ou mórbidos na sua vivência, de forma geral.

O presente recorte configura um resumo do capítulo dedicado à interpretação psicanalítica do fenômeno. Objetiva-se, portanto, compreender o que motiva o interesse e a curiosidade das pessoas em assistir tragédia e violência na mídia, assim como nas suas demais vivências, de forma a se basear num referencial psicanalítico.

No livro “O mal-estar na civilização” Freud postula um algo além do princípio de prazer que chamou de pulsão de morte, cujo conceito é introduzido definido em um plano que é próprio da biologia, como uma tendência para reconduzir o ser vivo ao estado inorgânico (Rudge, 2006), e que, por sua vez, se opõe ao princípio do prazer.

O homem primitivo, entretanto, conforme enuncia Freud nas suas obras antropológicas, compreendeu muito cedo que para gerir sua sobrevivência necessitaria viver em comunidade. A civilização por uma via incita a união de seus membros, em detrimento dos instintos sexuais e agressivos do indivíduo. O preço pago pelo progresso na cultura reside essencialmente na perda da felicidade por aumento do sentimento de culpa. A culpa origina-se

do medo à autoridade e do temor ao supereu e é, portanto, sob a coação do processo civilizatório que a agressividade se converte em sentimento de culpa e tal “sentimento não se percebe como tal, senão que se percebe como inconsciente ou se expressa como um mal-estar” (Primo, s/d.).

Sob a luz da teoria Psicanalítica, ao considerar a temática do presente trabalho referente à exploração da tragédia pela mídia televisiva, consomem-se figuras e imagens de atrocidades veiculados como forma de pacificação de impulsos destrutivos pelo telespectador. O processo subjacente a isto é denominado neste trabalho como *catarse* – diferenciado-se, no entanto, da noção de *catarse* como um método observado na clínica, inicialmente por Breuer.

No que se refere aos comportamentos violentos e agressivos que cotidianamente são veiculados pela mídia televisiva, a teoria da *catarse* na área de comunicação argumenta que a violência na mídia cumpre, por assim dizer, uma função social: satisfazer e canalizar instintos violentos e catastróficos reprimidos do ser humano, de forma que não transcendam de cada indivíduo e não alterem bruscamente a ordem social vigente (Silberman & Lira, 2000; Alves, 2008).

Sendo assim, o efeito terapêutico da *catarse* consiste em que com a contemplação de cenas violentas na mídia o indivíduo possa desenvolver suas fantasias pessoais direcionando a carga de instintos agressivos e impulsos catastróficos, minimizando expressões de violência na vida real (Silberman & Lira, 2000; Alves, 2008). Por conseguinte, as mídias se convertem em “agentes canalizadores” de comportamentos violentos e agressivos; espaço que na Antiguidade era, então, ocupado pelas tragédias encenadas.

Ferrés (1996), em “Televisão Subliminar”, trata da questão dos dramas retratados na televisão como uma informação que possui um valor sedutor. “As desgraças, as catástrofes, os acidentes, os atentados, as mortes, as lutas, as ameaças, ativam justamente a dimensão interna mais reprimida, a mais negada social e pessoalmente, a do mal que existe no interior de cada pessoa, sempre em conflito com o bem” (Ferrés, 1996, p.171). Atendendo a demanda do público, portanto, o telejornalismo procuraria explorar episódios que evoquem esta conotação trágica. Tal análise recairia no fato de que, de modo geral, a apreciação do telespectador é direcionada ao herói, que merece toda compaixão, enquanto os violões merecem a morte ou

prisão – admiração então que poderia ser mediada pelos direcionamentos ideológicos de uma emissora, por exemplo.

A exploração constante de temas com conotações trágicas, com o acrescentamento de detalhes constante, a espera para que novas circunstâncias apareçam para logo serem divulgadas, enfim, poderiam gerar uma espécie de ficcionalização em torno deste gênero de notícia. Os dramas são apreciados de forma parecida ao que acontece na ficção, conotando uma espécie de apreciação estética do trágico, provocando assim a catarse midiática - a violência, então, pareceria impessoal, originando uma sensação de alívio e segurança no telespectador (Bill, s/d).

Faz-se pertinente compreender que esta demanda, antes satisfeita com a apreciação estética, poderia estar sendo absorvida pelos noticiários televisivos. Segundo Ferrés (1996), a sedução exercida para atender os desejos trágicos do público “escamoteia dimensões essenciais da realidade sobre a qual aparentemente dá informações.” (Ferrés, 1996, p.177)'. Compreender-se-ia, portanto, a ignorância sobre aspectos da realidade que estas tragédias descontextualizadas geram no público, de modo que este aparentemente se sente bem informado, mas que, no entanto, absorve passivamente esta ficcionalização, sem gerar qualquer ordem de reação, afinal “o espetáculo não quer chegar a outra coisa senão a si próprio.” (Guy, 2005, p.19).

Método

A metodologia para o desenvolvimento do presente trabalho partiu da proposta do pesquisador Peter Spink, de modo que procuramos nos adequar a espaços abertos, sem interferir no dia-a-dia dos entrevistados, considerando que em lugares de fluxos constantes de pessoas, de falas e espaços o pesquisador torna-se parte de um processo contínuo através de uma conversa espontânea e se posicionando como simplesmente um entre os membros da comunidade, e não como um pesquisador participante de um trabalho (Spink, 2003).

A pesquisa inicial constou de 30 entrevistas informais no cotidiano em encontros ocasionais sobre a motivação para assistir a cenas trágicas televisivas. Posteriormente, realizou-se dois grupos de discussão em dias diferentes durante o período de aula de Prática

de Psicologia Social, na UEL – o primeiro com as próprias integrantes do presente grupo, o segundo com uma turma de alunos de Psicologia da UEL.

A dinâmica dos grupos funcionou da seguinte maneira: cinco cenas foram previamente exibidas num notebook - o trailer do filme “2012”, uma sequência de cenas violentas de desenho animado, uma sequência de cenas do filme “Tropa de Elite”, um recorte do programa local do apresentador Carlos Camargo e um recorte do programa “Brasil Urgente”. Posteriormente a isto, um dos integrantes do trabalho questionou as pessoas do grupo o que tinham achado das cenas, ao que se iniciou uma conversa entre todos. Apenas no segundo grupo de discussão realizado uma das integrantes realizou algumas anotações sobre o que foi falado, não havendo gravações ou divulgação de nomes dos participantes.

Resultados e Discussão

Mais do que ter uma resposta, encontramos que as diferentes abordagens têm a contribuir uma vez que pensamos em diferentes contextos, pessoas e até as diferentes relações de uma mesma pessoa com diversos programas e tipos de tragédia. Nas conversações do cotidiano, as pessoas colocaram uma diferenciação entre “os outros” (que assistem porque gostam de ver outras pessoas sofrendo) e “nós/eu” (que não assistimos, ou, quando o fazemos, é para nos informarmos sobre o que acontece na cidade ou no bairro, e podermos nos prevenir quanto a possível atos de violência).

Nos grupos de discussão, optamos por discutir primeiramente entre o próprio grupo de pesquisa, para então conversarmos com estudantes e docentes de psicologia, abrindo posteriormente para a discussão com mães de um bairro de periferia. Encontramos nestes grupos a temática da curiosidade diante da morte – o discurso de alguns foi no sentido de que, visto que esta é a única forma de conhecê-la (a morte), é necessário que haja a mediação por um outro exposto (como violentado ou violentador, como vítima ou algoz, enfim) e que este seja um corpo desconhecido; a apreciação por este gênero de atração, mesmo que havendo desconhecimento da justificativa disto; e também um sentimento catártico ao ver o “bandido” sendo exposto e violentado, envolto a noção de justiça e ao sentimento de amparo correlacionado aos apresentadores, que foi nomeado também como uma forma de atenção junto às populações mais carentes – estes (os apresentadores de programas sensacionalistas do

gênero investigativo, policial, enfim) seriam observados como aqueles que não se detém ao suposto poder de outrem e que seriam capazes de expôr as reais condições do mundo, sem omissões.

Conclusão

Desde muito tempo o homem procura formas para lidar com aquilo que não é capaz de explicar, de modo que aquilo que denominamos como teoria da catarse foi uma das explicações viáveis à pesquisa - se a convivência em sociedade sugere uma ordem simbólica que impede o homem de agir conforme deseja, assim tendo de recalcar e reprimir suas pulsões agressivas e sexuais, as tragédias vivenciadas e as imagens veiculadas na mídia sobre esta temática corresponderiam a uma espécie de agente canalizador destas pulsões. Tal discurso apareceu diversas vezes nas falas dos participantes dos grupos de discussão, assim como nas entrevistas realizadas no cotidiano.

A participação da abordagem psicanalítica neste estudo, portanto, sugeriu alguns resultados: ainda que as pessoas sintam uma atração inerente ao trágico - marcada na sua estrutura psíquica e correlacionada a repressão imposta por uma espécie de pacto social -, várias questões pertinentes se relacionam a isto e, até mesmo, fogem a este primeiro momento. As mídias explorariam tal curiosidade, a associariam a outras temáticas e discursos, promovendo uma tentativa de ideologização conforme desejada por uma espécie de hegemonia da comunicação - há aspectos conotados nos programas como o Camargo (programa policial apresentado em Londrina) que dizem respeito à política local, à socialização do indivíduo no seu bairro e comunidade, às representações sobre o “bandido” e o policial, enfim. O “assistir tragédia” também parece estar ligado a um sentimento de tensionar, de escamotear, a ordem simbólica da sociedade, que já não se efetiva no local de estruturadora - “assistir tragédia” é entrega ao instinto, é fuga da supostamente estruturadora religião, é sádico, “é prazer na guerra e no sangue” (retomando a fala dos participantes), é estar dessensibilizado quanto o sofrimento humano; ou seja, é uma fuga, assim como uma via para participação de uma violência que não poderia ser materialmente concretizada, de modo a dar continuidade a uma realidade que se mostra ao telespectador por si só como fugidia e violenta.

Referências

Arbex J. J. (2003). *Showrnlismo: a notícia como espetáculo*. São Paulo: Casa Amarela.

Bill, B. G. (s/d). *Catarse midiática – a tragédia do jornalismo pós-moderno*. Disponível em: < <http://www.facom.ufjf.br/lumina/12/R12-13%20Alvarenga.pdf> > Acesso em 01/09/09.

Bordieu, P. (1997). *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Debord, G. (2005). *A Sociedade do Espetáculo*. Lisboa: Edições Antipáticas.

Ferrés, J. (1996). *Televisão Subliminar: socialização mediante comunicações inadvertidas*. Porto Alegre: Edições Médicas Sul Ltda.

Freud, S. (1997). *O Mal-Estar na Civilização*. Rio de Janeiro: Imago.

Primo, P. C. (s/d). *O mal estar na cultura: Felicidade versus civilização*. Disponível em: < [http://www.neprudente.com.br/arquivos_texto/O%20Mal-Estar%20na%20Cultura.ppt#293,37,O sentimento de culpa e o mal-estar na cultura](http://www.neprudente.com.br/arquivos_texto/O%20Mal-Estar%20na%20Cultura.ppt#293,37,O%20sentimento%20de%20culpa%20e%20o%20mal-estar%20na%20cultura) >. Acesso em 13/11/09.

Queiroz, E. F. (s/d). *Terror e compaixão*. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382004000100003&lng=en&nrm>. Acesso em 11/06/09.

Rudge, A. M. (2006). *Pulsão de morte como efeito de supereu*. *Ágora* (Rio J.), 2006, vol.9, n.1, p. 79-89.

Sílberman, S. G., Lira, L. R. (2000). *Médios de comunicación y violencia*. México: Instituto Mexicano de Psiquiatria – Fondo de Cultura Econômica.

Spink, P. K. (s/d). *O pesquisador conversador no cotidiano*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php>> Acesso em 02/12/09.